



José Gabriel Avila*
jgazores@gmail.com

Cada vez menos gente

“Só quem passa pelos ditames da insularidade e da interioridade que agravam situações de periferia e de desertificação, dá valor a culturas ancestrais que se mantêm vivas na alma das gentes”



Os bairros lisboetas, nesta época estival, estão cheios de estrangeiros que alugam as casas que outrora foram de falecidos alfaias. Mas quando terminam as férias, lá para Setembro, ficam quase desertos. “Depois, é uma dor d’alma ver estas ruas sem ninguém”, comentava a proprietária de um restaurante da rua do Passadiço.

A capital é uma cidade de calções e sapatilhas que passeiam a pé pelas avenidas, admirando o património e a pacatez de uma urbe periférica europeia. Como é possível que a capital mundial dos descobrimentos, tenha permanecido tanto tempo esquecida, quando há séculos marcou, para sempre, países e continentes?!...

O destino agora é Lisboa. Pelo aeroporto passam milhares e milhares de forasteiros, num bulício constante de voos, sobretudo para a Europa, pois África e o Brasil há muito descobriram Portugal como porta preferencial de entrada no velho continente.

E não fossem esses povos, Portugal estaria ainda mais envelhecido.

Em 2018, a população baixou para 10,280 milhões de residentes. Temos a quarta taxa

de natalidade mais baixa da União Europeia, pelo que fechar as fronteiras a outros povos será uma má solução.

Os índices de pobreza continuam também preocupantes.

Nos Açores, o ano passado, a população cifrou-se nos 242.846 habitantes, mas o saldo fisiológico foi negativo em -42 indivíduos.

Durante o verão, somos cada vez mais procurados pela singularidade e pelo exotismo. Provam-no os voos sempre cheios da SATA para o Pico – uma ilha, como as outras seis, em acentuado declínio demográfico.

Não sendo muito expressivos os dados estatísticos, quando analisados ilha a ilha, mantém a tendência negativa que há anos se vem registando.

O saldo fisiológico do ano passado (relação entre nados vivos e óbitos) revela que Santa Maria, perdeu 13 pessoas, São Jorge 35, Graciosa 26, Pico 77, Faial 35, Flores 35 e Corvo 2.

Um estudo prospetivo comprovaria que o declínio demográfico das “ilhas pequenas” é deveras preocupante e a desertificação já se faz sentir no seu crescimento económico e na

estabilidade social.

Só São Miguel (+236) e Terceira (+198) resistem a este fenómeno que afeta também as regiões europeias mais desenvolvidas.

A oferta de melhores condições de vida nas ilhas maiores atrai os jovens das outras ilhas e enriquece os maiores centros urbanos dos Açores.

Esta é uma das causas da desertificação. A outra é, certamente, a emigração de jovens trabalhadores para a Europa e América do Norte, como já aconteceu na década de 60 em Portugal.

No continente, muitos emigrantes regressaram às suas terras. Ao contrário, os açorianos, com descendência nos EUA e Canadá, permanecem junto dos seus, mas quase todos os anos voltam a casa, sobretudo para as celebrações festivas.

São também idosos os meus companheiros de viagem no regresso ao Pico.

É um grupo de trinta residentes em Tomar, onde no passado fim-de-semana se realizou a Festa dos Tabuleiros ou do Espírito Santo.

Curiosamente, entraram nos Açores pela Ilha do Pico. Visitam também São Jorge e seguem para São Miguel para assistirem às Festas do Espírito Santo. Pouco sabem destas ilhas. Recorri, por isso, ao meu telemóvel para mostrar ao meu simpático companheiro de viagem fotos de Impérios realizados no Pico e imagens da minha viagem de barco a partir de São Miguel.

Não é fácil a quem vive no interior, habituado a deslocar-se por terra para qualquer sítio, viajar de avião ou de barco. Muito menos ter a noção dos constrangimentos do viver numa ilha.

No continente invoca-se as dificuldades da interioridade para reclamar mais benefícios do Estado.

Aqui recorreremos às instituições europeias e aos governos nacional e regional, para debelarmos a ultraperiferia e a insularidade e resistirmos, com dignidade nestas ilhas.

Num caso ou noutro, só quem passa pelos ditames da insularidade e da interioridade que agravam situações de periferia e de desertificação, dá valor a culturas ancestrais que se mantêm vivas na alma das gentes, alimentadas pela crença e pela devoção dos crentes no culto ao Espírito Santo.